

Resiliência como objeto de estudo da saúde do trabalhador: uma revisão narrativa

Resilience as an object of study of occupational health: narrative review

Resiliencia como objeto de estudio de la salud ocupacional: una revisión narrativa

Élissa Jôse Erhad Rollemberg Cruz¹; Norma Valéria Dantas de Oliveira Souza²; Luanna Klaren de Azevedo Amorim³; Ariane da Silva Pires⁴; Francisco Gleidson de Azevedo Gonçalves⁵; Lidiane Passos Cunha⁶

Como citar este artigo:

Cruz EJER, Souza NVDO, Amorim LKA, et al. Resiliência como objeto de estudo da saúde do trabalhador: uma revisão narrativa. Rev Fund Care Online. 2018 jan./mar.; 10(1):283-288. DOI: <http://dx.doi.org/10.9789/2175-5361.2017.2018.v10i1.283-288>

ABSTRACT

Objective: To analyze the use of the concept of resilience in the objects of study of the research on Occupational Health. **Method:** A narrative review was conducted in electronic databases. Search words: resilience and worker's health. There was no time frame, but we chose to make the language restriction: only productions in Portuguese and Spanish. **Results:** Eight articles were gathered, among the selected four had complete texts, one was in English and three were in Portuguese, of which only two were related to the object of study. **Conclusion:** The study of resilience is relatively new in humanities, social and health, but knowledge of factors related to resilience may provide subsidies for workers to understand the determinants and factors that can strengthen their own resilience.

Descriptors: Nursing, Occupational Health, Psychological Resilience.

¹ Enfermeira. Mestre em Enfermagem. Estomaterapeuta. Enfermeira da ESF Clementino Fraga. E-mail: elissa_enf@yahoo.com.br.

² Enfermeira. Doutora em Enfermagem - (EEAN/UFRJ). Diretora da Faculdade de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ENF/UERJ). Procientista/UERJ. Professora Associada do Departamento de Enfermagem Médico Cirúrgica da ENF/UERJ. Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu da ENF/UERJ. E-mail: norval_souza@yahoo.com.br.

³ Enfermeira. Mestre em Enfermagem - PPGEnf/UERJ. Enfermeira Assistencial na Maternidade Escola da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). E-mail: luklaren@yahoo.com.br.

⁴ Enfermeira. Doutoranda em Enfermagem - PPGENF/UERJ. Especialista em Enfermagem do Trabalho e Enfermagem em Estomaterapia - ENF/UERJ. Professora Assistente do Departamento de Enfermagem Médico Cirúrgica da Faculdade de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ENF/UERJ). Brasil. E-mail: arianepires@oi.com.br.

⁵ Enfermeiro. Mestre em Enfermagem - PPGENF/UERJ. Especialista em Enfermagem do Trabalho (Anna Nery - UFRJ). Enfermeiro do Instituto Estadual de Hematologia Arthur de Siqueira Cavalcanti. Brasil. E-mail: gleydy_fran@hotmail.com.

⁶ Enfermeira. Mestre em Enfermagem - UNIRIO. Especialista em Enfermagem em Nefrologia - HUPE/ENF/UERJ e Enfermagem em Estomaterapia - ENF/UERJ. Tutora Presencial do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ). Brasil. E-mail: lidiane_passos_cunha@hotmail.com.

RESUMO

Objetivo: Analisar o uso do conceito de resiliência nos objetos de estudo da linha de pesquisa sobre Saúde do Trabalhador. **Método:** Revisão narrativa, desenvolvida nas bases eletrônicas de dados. Palavras de busca: *resiliência e Saúde do Trabalhador*. Não houve recorte temporal, mas optou-se por fazer restrição quanto ao idioma: somente produções em português e espanhol. **Resultados:** Captaram-se oito artigos. Dentre os selecionados, quatro possuíam textos completos, um estava em inglês e três encontravam-se em português, dos quais apenas dois relacionavam-se com o objeto de estudo. **Conclusão:** O estudo da resiliência é relativamente recente nas ciências humanas, sociais e da saúde, porém o conhecimento dos fatores relacionados à resiliência poderá fornecer subsídios aos trabalhadores para o entendimento dos determinantes e os fatores que podem fortalecer suas próprias resiliências.

Descritores: Enfermagem, Saúde do Trabalhador, Resiliência Psicológica.

RESUMEN

Objetivo: Analizar el uso del concepto de resiliencia en los objetos de estudio de la investigación sobre la salud del trabajador. **Método:** Revisión narrativa, desarrollada en bases de datos electrónicas. Palabras de búsqueda: *resiliencia y la salud del trabajador*. No hubo período de tiempo, pero decidimos hacer la restricción de idioma: solamente producciones en portugués y español. **Resultados:** Atrapados ocho artículos, entre los seleccionados cuatro presentaron textos completos, uno en inglés y tres estaban en portugués, de los cuales sólo dos estaban relacionados con el objeto de estudio. **Conclusión:** El estudio de la resiliencia es relativamente nuevo en las ciencias: humanas, sociales y de salud, pero el conocimiento de los factores relacionados con la capacidad de recuperación puede proporcionar subsidios para los trabajadores a comprender los determinantes y los factores que pueden fortalecer su capacidad de recuperación. **Descriptor:** Enfermería, Salud del Trabajador, Resiliencia Psicológica.

INTRODUÇÃO

A resiliência é “a capacidade humana para enfrentar, vencer e ser fortalecido ou transformado por experiências de adversidade”.^{1:15} A origem etimológica da palavra resiliência vem “do latim *resiliens*, que significa saltar pra trás, voltar, ser impelido, recuar, encolher-se, romper. Pela origem inglesa, *resilient* remete à idéia de elasticidade e capacidade rápida de recuperação”.^{2:67}

Na língua portuguesa, encontra-se no dicionário Novo Aurélio a definição do termo referindo-se apenas à resiliência de materiais.³ Todavia, num outro dicionário da língua portuguesa, Houaiss, o verbete contempla tanto o sentido da Física quanto o sentido figurado, remetendo a elementos humanos: “capacidade de se recobrar facilmente ou se adaptar à má sorte ou às mudanças”.^{2:68}

Na sua maioria, os conceitos de resiliência reafirmam que o indivíduo resiliente é aquele que possui habilidade para reconhecer a dor, perceber seu sentido e tolerá-la até resolver os conflitos de forma construtiva. Porém, verificou-se que há divergências quanto ao referido conceito. Alguns pesquisadores acreditam que a flexibilidade e versatilidade são características da pessoa resiliente, outros apontam a resiliência como traço da personalidade ou temperamento.

Há controvérsias também quanto ao fato da resiliência ser um atributo individual ou fruto da interação com o ambiente.⁴

Ressalta-se que a resiliência individual e coletiva são as duas faces de uma moeda.⁵ Assim, a capacidade de enfrentar as adversidades e sair fortalecido implica respostas que podem tanto se dar em âmbito individual como influenciada pela esfera do coletivo. O indivíduo se reconhece como parte de um grupo e percebe que necessita dele para seu desenvolvimento em uma relação de mútua influência. Tal reconhecimento e a sensação de estar acolhido ou amparado pelo coletivo interferem em seu potencial de resiliência.

De forma quase consensual, a resiliência é definida como a capacidade de o indivíduo, família ou grupo enfrentar as adversidades, ser transformado por elas, mas conseguir superá-las.² Ela também pode ser entendida como resultado da união de quatro componentes: fatores individuais, contexto ambiental, acontecimentos ao longo da vida e fatores de proteção, que forma um banco de recursos capazes de proteger o indivíduo contra danos e promover o bem-estar geral. Contudo, o valor destes recursos está na maneira como é utilizado.⁶

Assim, a resiliência é algo mais amplo, é um fenômeno de superação de estresse e adversidades, de caráter processual. No Brasil, o conceito de resiliência e seus significados têm sido pouco difundidos em estudos ou produções acadêmicas. No exterior, principalmente nos Estados Unidos e no Reino Unido, vários autores têm desenvolvido pesquisas sobre resiliência, sendo a maioria voltada para crianças e adolescentes em situações de risco, focando traços e disposições pessoais.⁷

Estudos recentes revelaram que “a resiliência não é um dom inato de certas pessoas especiais. Ela é um tipo de competência pessoal e social que pode ser aprendida, promovida e desenvolvida nas pessoas, nas organizações, nas comunidades e, até mesmo, na vida social mais ampla”.^{7:33}

Atualmente, o estresse ocupacional é uma realidade observada em diversas áreas e setores de trabalho, não sendo exclusividade daqueles profissionais que exercem altos cargos numa instituição de grande porte, sendo indiferente o nível hierárquico em que se encontram. Isso porque o estresse ocupacional está diretamente relacionado às múltiplas responsabilidades e cobranças; ritmo laboral intenso; competitividade; jornada de trabalho estafante; necessidade de polivalência; precarização das relações e condições laborais. Todos esses fatores são advindos das características do modelo produtivo predominante - acumulação flexível do capital, gestado a partir dos conceitos e pressupostos do neoliberalismo e da globalização.⁸⁻⁹

Outra questão que gera estresse no trabalhador é a variabilidade e a incerteza que envolve as situações laborais. Isto porque o trabalho implica grande complexidade por existirem muitas variáveis relacionadas à execução da atividade como: as características da organização e do processo de trabalho; as condições laborais; e o contexto histórico-social no qual está inserido e a própria subjetividade do trabalhador.⁹

Cabe salientar que “variabilidade” deve ser entendida como o conjunto de situações ocorridas em qualquer momento do processo de trabalho, com qualquer fator envolvendo o desenvolvimento da atividade laboral, que difere do planejado e, de alguma forma, altera a execução da tarefa, determinando o trabalho real.⁹⁻¹⁰

Contextualizando esta situação, afirma-se que a simples relação homem-tarefa é impossível, pois a obediência restrita às normas estabelecidas pela organização prescrita do trabalho não asseguraria a almejada confiabilidade do serviço realizado, pois existem muitos intervenientes nesta relação, os quais são denominados como fatores de variabilidade, e que os trabalhadores têm que lidar e encontrar estratégias para superá-los, garantindo a execução do processo de trabalho.¹⁰

Nesta perspectiva, para que o objetivo do trabalho seja alcançado é necessário que se façam adaptações na realização da tarefa prescrita, tornando mais dinâmica e eficiente a execução do trabalho. Essas adaptações são identificadas como o trabalho real.¹⁰ Deste modo, pode-se dizer que o trabalhador desenvolve sua atividade laboral em tempo real em função de uma situação apresentada, a qual pode envolver variabilidade ou até imprevisibilidade. Neste sentido, cabe destacar que a tarefa constitui o trabalho prescrito e a atividade laboral está relacionada ao trabalho real, que se interrelacionam sofrendo influências bidirecionais para o alcance do seu objetivo, o produto final, ou seja, a tarefa cumprida.¹⁰

Assim sendo, é preciso que o trabalhador desenvolva uma série de atributos psico-cognitivos e motores, que o possibilita ser resiliente às situações adversas de trabalho, isto é, à variabilidade, à imprevisibilidade, presentes no contexto de trabalho.

Para uma melhor compreensão da relação homem-tarefa e suas implicações para a Saúde do Trabalhador e para a produtividade, a ergonomia vem investigando também o distanciamento entre trabalho prescrito e trabalho real, muitas vezes provocada pelas situações de variabilidade.

Esta inter-relação dinâmica constitui a organização do trabalho. Neste sentido, a principal finalidade da ação ergonômica é a transformação do ambiente de trabalho, aí incluído a organização e o processo laboral, para que não prejudique a saúde dos trabalhadores, mas também para que se possa garantir a produção de qualidade. A ergonomia tem como finalidade a busca pela valorização das potencialidades psico-cognitivas e motoras dos trabalhadores, porém sem esquecer a necessidade de produção.¹⁰

Tendo a ergonomia o trabalho como objeto de sua ação, faz-se necessário reconhecer a abrangência do conceito “trabalho”. Define-se “trabalho” como “atividade resultante do dispêndio de energia física e mental, direta ou indiretamente voltada à produção de bens e de serviços, contribuindo, assim, para a reprodução da vida humana, individual e coletiva”.^{11:342}

Além dessa visão, a categoria “trabalho” engloba a inventividade, a capacidade de avaliação e de julgamento, mobilizações subjetivas para a realização da tarefa, conjugando potencialidades cognitivas, motoras e psicológicas num

processo contínuo e dinâmico, no qual o sujeito interfere no objeto e vice-versa, conduzindo a uma transformação do sujeito, do objeto e da sociedade.¹²

O processo de trabalho não se restringe aos elementos mais concretos. É preciso ver qualificações, função, cooperação, hierarquia, sociabilidade, marca, disciplina. Também é necessário atentar para a relação entre um trabalhador e outro, tanto no que se refere aos objetivos do trabalho, como para a possibilidade do *papo camarada*, da sociabilidade civil, leiga. Há de se investigar igualmente a hierarquia, ou seja, a correia de transmissão das ordens: interesse econômico se transformando em norma, orientação técnica e disciplina.¹³

No processo laboral, é relevante ver a acumulação de competência humana em relação à máquina, transformando trabalhador em fiscal de visores, alavancas, tomadas, botões. A ergonomia, investigando o distanciamento entre o trabalho prescrito e o trabalho real, elaborou o conceito denominado “variabilidade”, o qual auxiliou no processo de compreensão da relação homem-tarefa e suas conseqüências para a Saúde do Trabalhador e para a produtividade.¹³

Nesta perspectiva, cabe reafirmar que esse termo vem sendo descrito pelos ergonomistas como um conjunto de variações que podem ocorrer, normal ou incidentalmente, aleatoriamente ou não, tanto na produção, no fornecimento dos serviços quanto entre os trabalhadores.^{9,10}

Com o advento da tecnologia, informação, globalização da produção, as constantes mudanças que vem afetando o ambiente de trabalho, surge a necessidade de adaptação por parte dos profissionais. Constantes transformações obrigam as instituições hospitalares a fazerem mudanças, pois sabe-se que só se manterão em atividade se conseguirem atender às novas exigências de um mercado, onde o cliente está cada vez mais consciente de seus direitos, o que faz exigir mais qualidade dos serviços que são prestados.¹⁴

Observa-se que a existência dessa variabilidade conduz a uma ruptura súbita das atividades consideradas rotineiras ou habituais para a dinâmica laboral, alterando o processo de trabalho e conduzindo este trabalhador a mobilizar potencialidades psico-cognitivas que, em última instância, podem afetá-lo emocional e fisicamente.¹⁵

Com isto, a variabilidade pode alterar negativamente o processo saúde-doença dos trabalhadores, resultando em irritabilidade, elevação da pressão arterial, cansaço, dores, tensão muscular, envelhecimento precoce e estresse.¹⁶ Todavia, apesar das repercussões negativas em sua saúde, alguns trabalhadores se mantêm ativos e produtivos no ambiente de trabalho, neste sentido, aludem-se à importância do conceito de resiliência nos estudos da relação saúde-trabalho.¹⁷

Para que haja menos doenças e/ou menos sofrimento psíquico, assim como mais desenvolvimento pessoal ou subjetivo, é preciso que o indivíduo desenvolva a capacidade de se recuperar e se moldar frente aos obstáculos. Ou seja, ele precisa ter desenvolvido sua capacidade de resiliência.

Supõe-se que o conhecimento científico produzido a partir de estudos sobre a resiliência pode ser uma importante

ferramenta de pesquisa que auxiliará no entendimento de questões ligadas à Saúde do Trabalhador. Essa suposição motivou a elaboração desta pesquisa, a qual se propôs analisar o uso do conceito de resiliência nos objetos de estudo da linha de pesquisa sobre Saúde do Trabalhador.

O conhecimento que envolve resiliência aplicado no campo da Saúde do Trabalhador poderá reverter em qualidade de vida e um melhor entendimento dos trabalhadores sobre eles e sobre o contexto em que se inserem, auxiliando na manutenção e/ou no resgate da saúde.

Ainda existe uma lacuna no que tange à utilização do conceito na Enfermagem, fato que valoriza e torna relevante o estudo proposto, principalmente se se considerar a quase inexistência da relação de constructos teóricos envolvendo “resiliência” com a área da Saúde do Trabalhador.¹⁵ Pode-se inferir que articular o conteúdo da resiliência com a Saúde do Trabalhador envolve compreender melhor ou ampliar o conhecimento sobre a relação saúde-trabalho e subjetividade do trabalhador.

Assevera-se também que tais conhecimentos ainda são poucos socializados na área da Saúde do Trabalhador, neste sentido, considera-se que esta pesquisa irá contribuir para ampliar o campo teórico-conceitual na análise dos processos e condições de trabalho, difundindo junto aos trabalhadores um conteúdo relevante, alargando possibilidades de pesquisas e auxiliando na construção de saberes ligados a linha da Saúde do Trabalhador.

O conhecimento dos fatores relacionados à resiliência fornecerá subsídios aos profissionais para entender os determinantes e os fatores que podem fortalecer as suas próprias resiliências, desse modo soma-se mais esse resultado na luta pela saúde dos trabalhadores.

MÉTODOS

Este é um estudo de revisão narrativa, realizado por meio da produção científica indexada nas seguintes bases de dados eletrônicas: BDENF, LILACS, MEDLINE e SCIELO.

Em janeiro de 2013 foram selecionadas as palavras resiliência e Saúde do Trabalhador para a busca nos bancos de dados, simultaneamente, em formulário avançado. Primeiramente, estas foram destacadas em descritores de assunto, depois em palavras do título, e por fim, em palavras. Isto para que o resultado fosse o mais fidedigno possível. Não houve recorte temporal nem especificações de idioma ou tipo de publicação. O critério de exclusão foi a indisponibilidade do artigo completo para leitura e estar em outro idioma diferente do português e do espanhol.

Para fortalecer a discussão utilizaram-se também livros-texto e artigos científicos com enfoque na resiliência, na psicodinâmica do trabalho e na ergonomia. Isto proporcionou uma análise mais aprofundada da temática, o entendimento dos conceitos abordados e a possibilidade de apontar com maior clareza a aplicabilidade e contribuição do conceito de resiliência para a área da Saúde do Trabalhador.

A revisão narrativa visa a utilização de métodos específicos focados na busca de um determinado assunto em análise da literatura, até se utilizando de mecanismos e metodologias utilizados por discentes e pesquisadores nos campos da saúde e educação para descrever o estado da arte de uma temática.¹⁸

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dentre todas as bases de dados referidas, foram encontrados 8 (oito) artigos nas bases LILACS e MEDLINE. Desse, apenas 4 (quatro) estavam disponibilizados com textos completos, dos quais 3 (três) estavam em português e 1 (um) no idioma inglês. Dos artigos disponibilizados em textos completos e em português, apenas 2 (dois) relacionam-se com resiliência e Saúde do Trabalhador.

O resultado do estudo evidenciou que a abordagem da resiliência na Saúde do Trabalhador inicia-se a partir do ano de 2009, entre os periódicos nacionais, com enfoque maior na área da medicina. Verificou-se que as publicações nacionais na área de Enfermagem foram também a partir do ano de 2009.

O primeiro artigo¹⁶ publicado teve como objeto de estudo a resiliência da enfermeira intensivista frente a situações de variabilidade do trabalho em unidade de terapia intensiva. Os objetivos foram: caracterizar o entendimento das enfermeiras intensivistas sobre sua relação com o trabalho no cenário da terapia intensiva; discutir fatores motivadores da permanência nesse setor; e analisar os fatores protetores relacionados à resiliência que favorecem a saúde na unidade de terapia intensiva. O método de análise de conteúdo fez emergir três categorias: perfil das enfermeiras no cenário da terapia intensiva; do sofrimento ao prazer: o sentimento dialético da enfermeira intensivista; e a resiliência da enfermeira intensivista: fatores protetores de saúde.

O artigo mais recente¹⁹ teve como principal objetivo investigar o nível de resiliência dos trabalhadores de enfermagem, visando ao conhecimento das fraquezas e fortalezas desse profissional diante das adversidades a que está submetido. A maioria dos participantes, em relação ao fator regulação de emoções, apresentou-se abaixo da média, demonstrando que a capacidade de resiliência nesse fator encontra-se enfraquecida. O excessivo controle de impulsos e a dificuldade na regulação das emoções acarretam grande dispêndio de energia por parte dos trabalhadores, uma vez que estes não podem exteriorizar suas emoções, especialmente no ambiente de trabalho, justificando o alto índice de estresse entre os enfermeiros.

O conceito de resiliência encontra-se em fase de construção. Diversas áreas do conhecimento estão se apropriando desta temática e debatendo, através de estudos científicos, a melhor definição para o construto e aplicabilidade deste termo.

Na área da saúde, a resiliência ainda encontra-se em fase de construção, reflexão e debate por ter sido incorporada recentemente em seus estudos científicos e, principalmente,

por ainda não existir um consenso em relação à definição do termo.¹⁷ Contudo, neste campo do conhecimento, entende-se por resiliência o conjunto de processos sociais e intrapsíquicos que possibilitam o desenvolvimento saudável do indivíduo, mesmo este vivenciando experiências desfavoráveis.²⁰ Em medicina, significa a “capacidade de um sujeito resistir a uma doença, a uma infecção, a uma intervenção por si próprio ou com a ajuda de medicamentos”.²¹

Aparentemente, é mais fácil concordar sobre o que resiliência não significa do que sobre o que a palavra significa. Não sendo nem o oposto de risco, nem o sinônimo de algum fator de proteção, resiliência implica em uma abordagem universal à saúde e ao comportamento do indivíduo, na perspectiva de ser um recurso a ser desenvolvido por todos.⁶

O conceito de resiliência tem sido fundamental no campo de desenvolvimento e da saúde humana.¹⁹ Ressalta-se que os conceitos de risco e proteção não devem ser considerados homogêneos, sendo necessária uma análise discriminada que aponte a possibilidade de diferentes grupos de eventos de vida adversos proporcionarem efeitos de qualidades distintas na vida do indivíduo, assim como os fatores de proteção devem ser entendidos tanto isoladamente como em conjunto com outros fatores e com o próprio risco.²²

A resiliência ainda não possui uma definição única nem um parâmetro inquestionável ou medida uniforme.⁶

O sofrimento, o prazer e a identidade são vivências subjetivas, assim como a resiliência. Remetendo ao sujeito singular, portador de uma história, e, por isso, de uma experiência única, sentida de forma particular. Desta forma, cada indivíduo, ao vivenciar um determinado sofrimento, constrói seus mecanismos individuais de defesa, seus fatores protetores, enfim, sua resiliência a fim de minimizar os efeitos negativos das adversidades vivenciadas em sua saúde.²¹ Considerando-se que o termo resiliência está também relacionado à área da subjetividade e que as pesquisas nesta área ainda são consideradas incipientes quando relacionadas ao trabalho e a Enfermagem²⁴, este estudo almejou contribuir para o crescimento e fortalecimento dos conhecimentos gerados a partir de estudos que abordem a resiliência e a subjetividade no contexto da Saúde do Trabalhador e da Enfermagem.

Ao analisar o uso do conceito de resiliência nos objetos de estudo da linha de pesquisa sobre Saúde do Trabalhador, o conhecimento produzido sobre resiliência tem potencial para somar-se a outros utilizados no campo da Saúde do Trabalhador, contribuindo para o entendimento de questões ainda pouco claras neste campo.¹⁷

O contexto de trabalho apresenta alguns determinantes e condicionantes que interferem com o equilíbrio psicossomático do trabalhador, dentre eles destacam-se as condições laborais e a configuração da organização do trabalho. Afirma-se que as condições de trabalho afetam mais a saúde do corpo e a organização de trabalho interfere predominantemente sob a saúde mental.¹⁷ E, considerando que o mundo do trabalho demanda esforço psico-cognitivo e motor dos trabalhadores, e que muitas vezes este esforço conduz a

desgastes e adoecimentos, há de se buscar possibilidades de entendimento e intervenção sobre tal problemática, multifacetada e complexa. Desta forma, estudar e se apropriar de conceitos como os que se relacionam ao da resiliência pode ser mais uma alternativa para buscar garantir saúde para os trabalhadores.

Entendendo que a resiliência pode ser aprendida, promovida e desenvolvida, possibilitar-se-á o conhecimento dos fatores promotores de resiliência e a construção de alternativas e táticas para que os trabalhadores de enfermagem e as instituições onde estão inseridos desenvolvam a sua resiliência, diminuindo o risco para gerar efeitos prejudiciais na saúde destes trabalhadores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo da resiliência é relativamente recente nas ciências humanas, sociais e da saúde. Sua definição ainda não é clara, tampouco precisa, haja vista a complexidade e multiplicidade de fatores e variáveis que devem ser levados em conta no estudo dos fenômenos humanos.

Existe uma lacuna no que se refere à utilização do conceito na área da Saúde do Trabalhador, fato que agregou valor ao estudo proposto, principalmente considerando a inexistência da relação entre resiliência e as diversas características dos cenários laborais e dos trabalhadores. No entanto, acredita-se que pelo que já foi construído de conhecimento sobre o tema resiliência existe potencial para que venha somar-se a outros utilizados no campo da Saúde do Trabalhador, contribuindo para o entendimento de questões ainda pouco claras neste campo.

A aplicabilidade do conhecimento sobre resiliência pode ser significativa para o redimensionamento das pesquisas em Saúde do Trabalhador, contribuindo para reflexões na área do ensino, com enfoque na formação de profissionais com competências e habilidades compatíveis ao seu cenário laboral e à alta mutabilidade diante da Globalização, visando à prevenção de agravos e promoção da saúde dos profissionais. Assim como poderá ser também uma fonte de entusiasmo e orientação para a prática do cuidar no atendimento das necessidades de grupos populacionais como o de trabalhadores.

O conhecimento dos fatores relacionados à resiliência poderá fornecer subsídios aos trabalhadores para o entendimento dos determinantes e os fatores que podem fortalecer as suas próprias resiliências. Desse modo, soma-se mais esse conhecimento pela saúde dos trabalhadores.

Este estudo não esgota o assunto, tampouco revela soluções imediatas para a problemática, mas levanta alguns pontos de reflexão, ampliando as discussões em torno da relação trabalho-saúde. Uma das sugestões deste estudo, visando à promoção da saúde e a qualidade de vida do trabalhador, é investigar possíveis características resilientes de trabalhadores e as estratégias utilizadas por eles no enfrentamento das situações adversas do trabalho.

Considera-se que é relevante a compreensão dos processos de resiliência, incluindo os fatores de proteção e risco, para as ações de prevenção e promoção da saúde no mundo do trabalho. Contudo, ao mesmo tempo em que se percebe seu valioso potencial, é possível constatar o quanto permeado de incertezas e controvérsias ainda se encontra este tema. Por isto, as pesquisas em buscas de novas respostas sobre formas saudáveis de enfrentar situações adversas constituem-se em um grande desafio para os pesquisadores.

Cabe refletir que as mudanças desejadas são favorecidas pelo somatório de ações e a utilização de diversos saberes, os quais possibilitam a transformação de realidades obsoletas ou inadequadas aos anseios da maioria. Busca-se a transformação para o alcance da qualidade das condições de trabalho, da organização laboral, da saúde dos trabalhadores e da qualidade de vida.

REFERÊNCIAS

1. Grotberg EH. Introdução: novas tendências em resiliência. In: Melillo A, Ojeda ENS, colaboradores. Resiliência: descobrindo as próprias fortalezas. Porto Alegre/PA: Artmed; 2005.
2. Pinheiro DPN. Resilience in discussion. *Psicol Estud.* [Internet] 2004 jan/abr; [citado em 30 fev. 2013]; 9(1): [aprox. 9 telas]. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v9n1/v9n1a09.pdf>.
3. Ferreira ABH. Novo dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro/RJ: Nova Fronteira; 1999.
4. Sória DAC. A resiliência como objeto de investigação na enfermagem e em outras áreas: uma revisão. *Esc Anna Nery Rev Enferm* [Internet] 2006 dez; [citado em 03 fev. 2013]; 10(3): [aprox. 5 telas]. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ean/v10n3/v10n3a26.pdf>.
5. Muñoz DEO, Vélez DEJ, Vélez TMU. La resiliencia en la promoción de la salud de las mujeres. *Invest educ enferm.* [Internet] 2005; [citado em 22 fev. 2013]; 23(1): [aprox. 12 telas]. Disponível em: <http://aprendeenlinea.udea.edu.co/revistas/index.php/iee/article/view/2951/2637>.
6. Slap GB. Conceitos atuais, aplicações práticas e resiliência no novo milênio. *Adolesc Latinoam.* [Internet] 2001 abr; [citado em 23 mar. 2013]; 2(3): [aprox. 4 telas]. Disponível em: <http://ral-adolesc.bvs.br/pdf/ral/v2n3/a11v2n3.pdf>.
7. Sória DAC. A Resiliência dos Profissionais de Enfermagem na Unidade de Terapia Intensiva [tese]. Rio de Janeiro/RJ: Programa de Pós-Graduação Enfermagem, Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ; 2006.
8. D'Auria A. Resiliência reduz riscos de doenças e melhora a qualidade de vida. [Internet] [citado em 30 mai. 2013]. Disponível em: http://carreiras.empregos.com.br/carreira/administracao/qualidade_de_vida/030203resiliencia_alberto_dauria.shtm#.
9. Abrahão JI. Reestruturação produtiva e variabilidade do trabalho: uma abordagem da ergonomia. *Psicol teor pesqui.* [Internet] 2000 jan/abr; [citado em 11 mar. 2013]; 16(1): [aprox. 06 telas]. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v16n1/4387.pdf>.
10. Guérin F, Laville A, Daniellou F, Kerguelen A. Compreendendo o trabalho para transformá-lo. São Paulo/SP: Edgard Blücher Fundação Vanzolini; 2001.
11. Liedke, ER. Trabalho. In: Cattani AD. Dicionário crítico sobre o trabalho e tecnologia. 4ª ed. Porto Alegre/PA: Vozes; 2002.
12. Souza, NVDO. Dimensão subjetiva das enfermeiras frente à organização e ao processo de trabalho em um hospital universitário [tese]. Rio de Janeiro/RJ: Programa de pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ; 2003.
13. Codo W, Sampaio JJC, organizadores. Sofrimento psíquico nas organizações: saúde mental e trabalho. Rio de Janeiro/RJ: Vozes; 1995.
14. Gindri L, Medeiros HMF, Zamberlan C, Costenaro RGS. A percepção dos profissionais da equipe de enfermagem sobre o

trabalho dos enfermeiros. *Cogitare enferm.* [Internet] 2005 jan/abr; [citado em 02 fev. 2013]; 10(1): [aprox. 08 telas]. Disponível em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/cogitare/article/view/4669/3621>.

15. Barcelos AMC, Gomes AO, Lacerda FC. A importância da comunicação não-verbal na prática de enfermagem em terapia intensiva. *Enferm atual* 2003 mar/abr; 3(14): 33-40.
16. Cruz EJER. As repercussões da variabilidade no trabalho e na saúde do enfermeiro intensivista [trabalho de conclusão de curso]. Rio de Janeiro/RJ: Faculdade de Enfermagem, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, UERJ; 2006.
17. Cruz EJER. Resiliência da Enfermeira diante da Variabilidade do trabalho em terapia intensiva [dissertação]. Rio de Janeiro/RJ: Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, UERJ; 2009.
18. Botelho LLR, Cunha CCA, Macedo M. O Método da revisão integrativa nos estudos organizacionais. *Gestão e Sociedade.* 2011; 5(11):121-36.
19. Belancieri MF, Beluci ML, Silva DVR, Gasparelo EA. A resiliência em trabalhadores da área da enfermagem. *Estud psicol.* [Internet] 2010 apr/jun; [citado em 02 abr. 2013]; 27(2): [aprox. 7 telas]. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v27n2/a10v27n2.pdf>.
20. Sapienza G, Pedromônico MRM. Risk, protection and resilience in the development of children and adolescents. *Psicol estud.* [Internet] 2005 may/aug; [citado em 05 may. 2013]; 10(2): [aprox. 8 telas]. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_pdf&pid=S1413-73722005000200007&lng=es&nrm=iso&tlng=pt.
21. Pesce RP, Assis SG, Avanci JQ, Santos NC, Malquias JV, Carvalhaes R. Adaptação transcultural, confiabilidade e validade da escala de resiliência. *Cad saúde pública* 2005 mar/abr; [citado em 25 mar. 2013]; 21(2): [aprox. 13 telas]. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csp/v21n2/10.pdf>.
22. Bianchini DCS, Aglio DDD. Processos de resiliência no contexto de hospitalização: um estudo de caso. *Paidéia.* [Internet] 2006 sept/dec; [citado em 22 mar. 2013]; 16(35): [aprox. 10 telas]. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v16n35/v16n35a13.pdf>.
23. Lindström B. O significado da resiliência. *Adolesc Latinoam.* [Internet] 2001 abr; [citado em 03 abr. 2013]; 2(3): [aprox. 5 telas]. Disponível em: <http://ral-adolesc.bvs.br/pdf/ral/v2n3/a06v2n3.pdf>.
24. Cruz EJER, Souza NVDO, Lisboa MTL. Collective Defense Strategies: tactics to mitigate suffering in nurse's hospital work. *Online braz j nurs.* [Internet] 2007; [citado em 13 fev. 2013]; 6(3): Disponível em: <http://www.objnursing.uff.br/index.php/nursing/article/view/994>.

Recebido em: 10/06/2015

Revisões requeridas: 29/09/2016

Aprovado em: 25/07/2016

Publicado em: 08/01/2018

Autor responsável pela correspondência:

Norma Valéria D. O. Souza

Rua Alexandre do Nascimento, 45, apto 201,

Jardim Guanabara

Ilha do Governador/RJ, Brasil

CEP: 21940-150